



Título:	UM OLHAR INTERSECCIONAL PARA AS ADOLESCÊNCIAS: PERCURSOS DE UM GRUPO EM PESQUISA		
Autores:	Cibele da Silva Bohn Jodéli Fabiana Dreissig Letiane de Souza Machado Maria Carolina Magedanz Bernardo Teles Edna Linhares Garcia		
Área	<input checked="" type="checkbox"/> Humanas <input type="checkbox"/> Sociais Aplicadas <input type="checkbox"/> Biológicas e da Saúde <input type="checkbox"/> Exatas, da Terra e Engenharias	Dimensão:	<input type="checkbox"/> Ensino <input checked="" type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Extensão <input type="checkbox"/> Inovação
Resumo: <p>O Grupo da Pesquisa sobre Adolescências (GRUPAD) iniciou suas atividades investigando o uso de drogas entre adolescentes escolares, visando constituir um panorama deste cenário e os sentidos atribuídos pelos adolescentes a essa temática. No transcorrer dessa caminhada, o foco de investigação se modifica e se amplia, na medida que se entende que as adolescências são múltiplas, com demandas, necessidades e interesses diversos, e profundamente marcadas por determinantes sociais. Nessa esteira, o objetivo deste resumo é apresentar o percurso teórico-metodológico, destacando a eleição e a importância do conceito de interseccionalidade para o estudo das adolescências. Para sustentar a necessidade de ampliação da lente de análise, foram utilizadas as produções do grupo e dados sociodemográficos coletados ao longo dos percursos de pesquisas. Assim, por meio dos dados da pesquisa “PRODUÇÃO DE SENTIDOS ACERCA DA DROGADIÇÃO: panorama do uso de drogas sob o enfoque do adolescente e da família na intersecção do contexto escolar, PSE e CAPSia em Santa Cruz do Sul”, constatou-se a necessidade de compreender essa dimensão da vida “adolescente”, considerando a pluralidade de existências e atravessamentos que impactam as travessias na vida das adolescências. Nesta perspectiva, a pesquisa “PRÁTICAS DE SAÚDE MENTAL A ADOLESCENTES ESCOLARES NA 28ª REGIÃO DE SAÚDE: uma análise interseccional” traz como lente de análise e intervenção o dispositivo teórico-metodológico da interseccionalidade, conceituado por Collins e Bilge (2021). Este nos possibilita refletir sobre como os marcadores sociais da diferença influenciam no sofrimento psíquico e na qualidade do acesso dos sujeitos aos serviços e aos cuidados em saúde mental. Por meio da interseccionalidade é possível identificar as camadas de desigualdade e preconceito existentes no campo da saúde mental, bem como, torna evidente como as políticas públicas e práticas de cuidado podem e precisam ser aprimoradas para atender às necessidades específicas de diferentes grupos, de modo a promover uma abordagem mais inclusiva, equitativa e que auxilie na promoção da saúde, justiça social e mitigação das desigualdades.</p>			



As vivências adolescentes são distintas e marcadas por desigualdades estruturais, o que as distingue radicalmente: enquanto alguns vivenciam o prolongamento da experiência adolescente, outros tem esse período encurtado drasticamente, ou até mesmo não o vivenciam, em decorrência da inserção precoce no trabalho, além de experimentarem maior exposição à violência e acesso prejudicado aos serviços de saúde. Assim, ainda que o foco estivesse na problemática da drogadição, esta não corresponde ao cerne da vivência adolescente, mas sim os modos pelos quais as experiências sociais e econômicas recaem sobre essa dimensão da vida e os seus efeitos nessa travessia. Portanto, tornou-se ainda mais evidente a responsabilidade ética de incluir a interseccionalidade enquanto ferramenta teórica-metodológica para pesquisas e intervenções em saúde mental, de modo a produzir conhecimentos mais sensíveis às reais necessidades dos adolescentes e comprometidos com a pluralidade de seus modos de ser e estar no mundo.

Referências

COLLINS, Patricia Hill.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

Link do Vídeo:

https://drive.google.com/file/d/1-0zohiID_uMYbX5HE4kEwcDhJ1WJMQ5K/view?usp=sharing.